



RESUMOS EXPANDIDOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

CONSTRUINDO A AGROECOLOGIA EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Érica Jesus Portugal¹, Ricardo Soares Nossa¹, Magno Santos Batista²

¹Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - *Campus* Teixeira de Freitas (Integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra-MST), ricardoifbaiano@gmail.com; ²Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Teixeira de Freitas. magno.batista@teixeira.ifbaiano.edu.br

RESUMO: O Movimento dos Trabalhadores Rurais-MST destaca-se por ser o principal protagonista da luta pela terra no Brasil e propõe a adoção da agroecologia pelas famílias assentadas. Assim, temos como objetivo neste texto discutir a implantação de práticas de cultivo relacionada ao desenvolvimento sustentável e agroecológico, pelo MST, em 07 áreas de assentamento de Reforma Agrária do Extremo Sul da Baiano, no ano de 2012. Após a implantação ocorrem inúmeros benefícios aos assentados no processo de construção da transição agroecológica. Assim a agroecologia, ao contrário de outras correntes da agricultura alternativa ou ecológica, além de enfatizar sua intensa preocupação social, o comprometimento e importância com as populações camponesas e seus saberes, busca idealizar uma base científica com fundamentos epistemológicos diferentes da ciência tradicional.

Palavras-chave: MST. Práticas Agroecológicas. Sustentabilidade.

CONTEXTO

Extremo Sul baiano apresenta clima variado como: tropical (região litorânea) e semiárido (interior). O bioma que compõe o ambiente também é diversificado com mangues (região do litoral), floresta tropical, mata atlântica e cerrado. Nesta região configura-se, historicamente, como um espaço, no qual predomina a monocultura principalmente eucalipto, café e mamão, os quais constituem um dos aspectos da organização social e produtiva da região.

A monocultura gerou ao longo dos últimos tempos a mobilização de diferentes lutas de trabalhadores rurais pela terra e por consequência, por qualidade digna de vida na área conquistada. Dentre os movimentos sociais, existe o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (doravante MST), os quais buscavam/buscam reconstruir o modo de vida. E nesta procura, ocorre sempre um enfrentamento com o capital agroindustrial, que, em muitos casos, explora o trabalho dos agricultores, que através de uma prática agrícola convencional, formata hábitos, saberes e tradição. Uma das causas do enfrentamento desencadeado pelo MST pode ser a formação do idealismo governamental implantado, a partir da década de 70, que configura o modelo de exploração dos monocultivos.

O modelo convencional constitui uma prática insustentável em relação aos agroecossistemas. Diante disso, a agroecologia passa a ser adotado pelo Movimento como um novo



conceito produtivo substituindo o modelo de agricultura convencional. Assim, diversos assentamentos rurais, ligados ao MST têm avançado no campo para o desenvolvimento de processos de transição agroecológica.

De acordo com Altieri (2001), a agroecologia é ciência ou até um paradigma, baseada em princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos. A agroecologia não é de forma alguma um retrocesso, mas um avanço na produção e na capacidade ideológica de organização familiar e reconstrução social das práticas tradicionais.

Logo, um dos pressupostos para a construção do conhecimento agroecológico, que pode ser utilizado para alimentar valores mais éticos e sociais, é a participação. Isso porque a agroecologia necessita do conhecimento dos trabalhadores rurais na promoção do diálogo entre saber acadêmico e saber popular, além das diversas áreas do conhecimento desenvolvidas pela humanidade (SOUZA, 2014).

O “Assentamento sustentável” é um projeto desenvolvido pela Regional do Extremo Sul MST criado em 2012, com a finalidade de mudar a forma tradicional de plantio do agricultor, para o plantio agroecológico, fazendo com que o produtor assentado torne sua área sustentável e rentável sem distanciar dos preceitos da educação ambiental. Este projeto teve como parceiros a empresa multinacional FIBRIA Celulose S/A, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo- ESALQ e Instituto CABRUCÁ.

Desta forma o projeto Assentamento Sustentável tem como objetivo geral implantar práticas de cultivo relacionado ao desenvolvimento sustentável e agroecológico em 07 áreas de assentamento de Reforma Agrária do Extremo Sul Baiano, dentre eles: Assentamento Antônio Araújo (50 famílias aproximadamente), localizado no município de Itamaraju; Jaci Rocha, Herdeiros da Terra, São João, Abril Vermelho (310 famílias aproximadamente), localizado no município Prado; José Marti (70 famílias aproximadamente), localizado no município Alcobaça; Bela manhã (150 famílias aproximadamente), localizado no município Teixeira de Freitas, contribuindo, assim, para a melhoria das condições de vida das famílias.

Os objetivos específicos são: aperfeiçoar a equipe de formação - apoiando a realização de ações de educação e formação para ampliar os conhecimentos dos trabalhadores; aproximar as famílias do assentamento, além da integração de agricultores, para a geração de trabalho e renda;



planejar e desenvolver ações apoiando a implantação e divulgação de tecnologias agroecológicas e adaptadas à realidade dos Assentamentos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A prática da experiência se dá nos assentamentos que pertencem a Regional do Extremo sul (MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Antes da efetivação da experiência, a conquista dos assentamentos ocorreu em 2008 a partir da desocupação da área pertencente a empresa FIBRIA Celulose S/A, empresa multinacional, que tem como vertente o monocultivo do eucalipto.

Inicialmente, houve a primeira ocupação, na fazenda Bela Manhã situada no município de Teixeira de Freitas, se estendendo a um total de sete áreas. A última ocupação da área foi denominada “Coroa da onça”, hoje conhecida como: pré-assentamento José Marti, localizada no município de Alcobaça, as margens da BA 290. Após a sétima ocupação da área a empresa se dispõe a negociar com o movimento. Assim, ocorre a liberação das áreas apropriadas e cessa as ações referentes a ocupação da extensão da área.

A partir da liberação das terras e das parcerias é criada a equipe de Formação. Esta contava com 19 integrantes, os quais representavam seus respectivos assentamentos. Os objetivos do grupo eram promover a integração e o conhecimento referente Agroecologia e sustentabilidade. Esses participaram de intercâmbios em projetos desenvolvidos pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - CEPLAC em Itabuna; Propriedade do produtor Gideon, que trabalha na perspectiva agroflorestal e o uso consciente do extrativismo; fazenda do proprietário Henrique, o qual tem como propósito a implantação o sistema agroflorestal de uma área degradada; a participação do agrônomo João Firmato (Jafa in memoriam) pesquisador da CEPLAC e proprietário de uma fazenda agroflorestal e por fim, o Instituto CABRUCÁ. Nestes últimos, os componentes fizeram uma visita para conhecer o manejo empregado e a participação da implantação do sistema cabruca no cultivo de manejos agroecológicos (é um sistema agroflorestal tradicional, o qual maneja culturas à sombra das árvores nativas). A execução dessa prática durou aproximadamente quatro meses.

Na primeira fase da implantação do projeto, a equipe de formação, introduziu o tema agroecologia aos produtores e suas respectivas famílias. Neste primeiro momento, a equipe considerou o aspecto multidirecional, ou seja, a inclusão de todos neste ideal, não só quem trabalha



diretamente com a lavoura, mas também com aqueles que tinham a intenção de continuar a usar a prática agroecológica. A partir daí, surge a transição do pensamento tradicional para o pensamento agroecológico. Há inclusão de ferramentas como, Maleta de Vídeos, a qual contém 20 vídeos, dentre eles: "O veneno está na mesa" e "Deserto verde". Houve também depoimentos e apresentação de experiências de produtores que já haviam passado pelo processo de transição. Além disso, minicurso acerca da produção e uso de produtos alternativos que não degradam o ambiente tais como: caldas; compostagens; armadilhas (capturar insetos – controle biológico). Na segunda fase criou-se uma área experimental para que os produtores verificassem na prática as contribuições das técnicas agroecológicas e sustentáveis de ambiente. Foi feita a delimitação de uma área de 10.000 m² que equivale (1ha). Logo em seguida, análise de solo para verificar a qualidade do mesmo. Também constituíram-se um coquetel de sementes (Leguminosas e outras) com plantio a lanço. Após seis meses foi feita a coleta dessas sementes e novos plantios. Além dessas, ocorreu a agregação no plantio, Napie (Capim elefante), Banana, Feijão Andu e Milho. Após o procedimento do cultivo das leguminosas, a equipe realizou uma nova análise de solo. Nesta evidenciou-se uma efetiva melhora nas características avaliadas como: diminuição da acidez; aumento da fertilidade e da atividade microbiológica.

Outra metodologia usada foi o Quintal Produtivo, que possibilitou e facilitou, ao assentado, o acesso para o plantio em seu próprio quintal, usando os recursos e produtos empregados na agroecologia, como calda de fumo-repelente, calda bordalesa-adubo foliar e compostagem. Isso proporciona melhoria na adubação do solo e o combate as eventuais pragas.

Essas práticas possibilitaram a aceitação, a continuação e o estímulo do plantio sustentável e orgânico, além disso, também promoveu maior articulação entre os produtores e o acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE.

RESULTADOS

A implantação do projeto Assentamento Sustentável nos sete assentamentos relatados, possibilitou a formação dos assentados, e conseqüentemente a mudança do paradigma tradicional para o agroecológico. Essa mudança proporcionou inúmeros benefícios aos assentados no processo de construção da transição agroecológica, dentre eles: A alimentação saudável; o aumento da



biodiversidade; recuperação de áreas degradadas; reconhecimento da valorização do trabalho do homem do campo; produção constante; autonomia no trabalho; aumento na produção; a desmistificação de que o sistema agroecológico é insustentável; diminuição da contaminação ambiental, construção do conhecimento agroecológico local, aumento da possibilidade de permanência no campo e contraposição ao agronegócio. Além disso, o reconhecimento de que alguns saberes considerados tradicionais fazem parte dos sistemas agroecológicos.

Assim a agroecologia, ao contrário de outras correntes da agricultura alternativa ou ecológica, além de enfatizar sua intensa preocupação social, o comprometimento e importância com as populações camponesas e seus saberes e tradições, busca idealizar uma base científica com fundamentos epistemológicos diferentes da ciência tradicional (GOMES, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análise da implantação do projeto assentamento sustentável em sete (7) assentamentos da região do Extremo Sul, nos possibilitou perceber a importância da materialização de projetos agroecológicas nos assentamentos, sobretudo de que as práticas agroecológicas ainda, produzem resultados significativos. Além disso, essas práticas contribuíram/contribuem diretamente para a preservação/conservação ambiental, além da produção de alimentos de cunho sustentável e do sustento dos assentados.

Além disso, a implantação do projeto representou/representa um esforço contínuo de entidades preocupadas com a sustentabilidade ambiental, dentre elas: CEPLAC e o Instituto Cabruca. Percebeu-se, a partir do contexto e dos resultados, que a construção da relação saudável entre o homem/meio ambiente, se deu através de um esforço entre a sociedade civil e a disponibilidade dos assentados. Isto quer dizer que, para a construção/aplicação de um projeto de cunho agroecológica, é de suma importância essa relação.

Assim a agroecologia, ao contrário de outras correntes da agricultura alternativa ou ecológica, além de enfatizar sua intensa preocupação social, o comprometimento e importância com as populações camponesas e seus saberes, busca idealizar uma base científica com fundamentos epistemológicos diferentes da ciência tradicional.

Cadernos Macambira

V. 2, Nº 2, p. 247, 2017.

Anais do III Simpósio de Agroecologia da Bahia.

Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas,

Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes

<http://revista.lapprudes.net/>



REFERÊNCIAS

ALTIERI, M.; NICHOLS, C. I. Conversión agroecológica de sistemas convencionales de producción: teoría, estratégias y evaluación. In: Ecosistemas – Revista Científica y Técnica de Ecología y Medio Ambiente, v. 16, n. 1, Enero, 2007. P. 3-12.

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GOMES, J.C.C. Bases Epistemológicas da agroecologia. In: AQUINO, A. M. e ASSIS, R. L. Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília. Embrapa, 2005. p. 73 – 99.

SOUZA, T.J. M.; NOBRE, H. G.; CANUTO, J. C.; SCHLINDWEIN, M. N.; JUNQUEIRA, A. C.; AUN, N. J. A Utilização de Ferramentas Participativas da Construção do Conhecimento Agroecológico dos Assentamentos Pirituba e Sepé Tiarajú, do Estado de São Paulo. São Paulo. Revista Brasileira de Agroecologia, 2014. v. 9, n.1, p.72-85.